

**PAI ABUSADOR: INCESTO E PEDOFILIA CONTRA MENINAS EM
GISÈLE PINEAU, NICOLE CAGE-FLORENTINY E CINTHIA
KRIEMLER**

**ABUSING FATHER: INCEST AND PEDOPHILIA AGAINST GIRLS IN
GISÈLE PINEAU, NICOLE CAGE-FLORENTINY AND CINTHIA
KRIEMLER**

Vanessa Massoni da Rocha (UFF)¹

Resumo: Este artigo se inscreve em uma série de reflexões acadêmicas em torno de violências infligidas às mulheres em obras literárias das Antilhas francófonas contemporâneas, da qual se recomenda a leitura prévia para melhor compreensão metodológica da continuidade das reflexões empreendidas. A série se iniciou em 2023 com o ensaio “Eu tinha pena de mim, de minha, de vó: violência doméstica contra mulheres em Gisèle Pineau e Jarid Arraes”, no qual, em perspectiva comparada Guadalupe-Brasil, examinei romances nos quais a violência doméstica contra mulheres se propaga por diferentes gerações da família, unindo avós, mães e filhas em uma espiral de agressões físicas e psicológicas. Em 2024, no estudo intitulado “Marido, padrasto e abusador: violência sexual contra meninas em Simone Schwarz-Bart e Gisèle Pineau”, voltei minhas atenções para duas obras guadalupenses (de 1972 e de 2005) para observar as representações de abusos sexuais cometidos contra meninas (uma delas, bebê) por seus padrastos. Interessei-me pelas formas como o tema se delineou no arco temporal contemplado e como o companheiro materno se torna um alçôz da enteada. Por sua vez, no presente artigo aprofundo o estudo sobre abuso sexual contra meninas, direcionando meu olhar para crimes de pedofilia cometidos pelos genitores contra as próprias filhas. Para tal, acolho obras dos três espaços de meu escopo de pesquisa acadêmico, o arquipélago de Guadalupe, a ilha da Martinica e o Brasil, a saber, respectivamente, *L'Espérance-Macadam* (1995), de Gisèle Pineau, *C'est vole que je vole* (1998) de Nicole Cage-Florentiny e *Tudo que morde pede socorro* (2019) de Cinthia Kriemler. Distanciados temporalmente por mais de duas décadas, os romances se situam no início da produção literária das intelectuais, revelando o notável interesse das autoras em perscrutar as violências contra menores infligidas no seio do lar e silenciadas pela família, muitas vezes com a cumplicidade da mãe das meninas abusadas.

Palavras-chave: violência; incesto; pedofilia, literatura comparada

Abstract: This paper is part of a series of academic reflections about violence inflicted on women in literary works of the contemporary french-speaking Antilles, reading for a better methodological understanding of the continuity of the reflections undertaken. The series began in 2023 with the essay “I felt sorry for myself, for my mother, for my grandmother: domestic violence against women in Gisèle Pineau and Jarid Arraes”, in which, in a comparative perspective Guadeloupe-Brazil, I examined novels in which domestic violence against women is spread by different generations of the family, uniting grandmothers, mothers and daughters in a spiral of physical and psychological aggressions. In 2024, in the study entitled “Husband, stepfather and abuser: sexual violence against girls in Simone Schwarz-Bart and Gisèle Pineau”, I turned my attention to two Guadalupe works (1972 and 2005) to observe the representations of sexual abuse committed

¹ Doutora em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense. Professora de Literaturas francófonas no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. E-mail: vanessamassonirocha@gmail.com ORCID: <http://orcid.org/0000-00032940-7931>.

against girls (one of them, baby) by their stepfathers. I was interested in the ways in which the theme was outlined in the time arc contemplated and how the maternal companion becomes a tormentor of the stepdaughter. In turn, in this article deepens the study on sexual abuse against girls, directing my gaze to crimes of pedophilia committed by parents against their own daughters. To this end, I welcome works from the three spaces of my academic scope, the archipelago of Guadeloupe, the island of Martinique and Brazil, respectively, *L'Espérance-Macadam* (1995), by Gisèle Pineau, *C'est vole que je vole* (1998) by Nicole Cage-Florentiny and *Tudo que morde pede socorro* (2019) by Cinthia Kriemler. Temporarily distanced for more than two decades, the novels are at the beginning of the literary production of intellectuals, revealing the remarkable interest of the authors in scrutinizing the violence against minors inflicted within the home and silenced by the family, often with the complicity of the mother of the abused girls.

Keywords: violence; incest; pedophilia, comparative literature

Introdução: Ao largo da lei: quando o protetor vira carrasco

A criança necessita de amor e compreensão, para o desenvolvimento pleno e harmonioso de sua personalidade; sempre que possível, deverá crescer com o amparo e sob a responsabilidade de seus pais, mas, em qualquer caso, em um ambiente de afeto e segurança moral e material
Declaração universal dos direitos das crianças

A Declaração universal dos direitos das crianças, promulgada em 20 de novembro de 1959 pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), apresenta dez princípios garantidores do bem-estar, em suas múltiplas esferas, de todo cidadão com menos de dezoito anos. O 6º princípio, reproduzido parcialmente na epígrafe deste artigo, diz respeito ao direito ao amor e à compreensão por parte dos pais² e da sociedade. O amor, vejam só, torna-se um direito, um bem a ser transmitido pelos adultos aos menores em franca formação. Isto quer dizer que, se por um lado, é direito das crianças crescerem em espaços marcados pelo afeto e pelo cuidado; por outro lado, é dever dos responsáveis e das instâncias sociais promoverem um crescimento marcado pelo querer bem, pelos bons sentimentos e pela proteção.

No contexto brasileiro, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), promulgado em forma da lei 8.069/1990, reverbera as diretrizes da Declaração universal dos direitos da criança. Eis o 4º artigo do ECA:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

No artigo seguinte, preconiza-se que “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”.

No entanto, os expressivos índices de violência contra menores de idade nas sociedades contemporâneas escancaram o descompasso entre os princípios elencados pela UNICEF, os

² Sirvo-me do termo “pais” em consonância com o termo empregado na Declaração universal do direito das crianças. Entretanto, atualmente é mais empregado o termo “responsáveis” para se referir àqueles que se ocupam da criação, sendo ainda possível o termo de “tutores”, em alguns casos.

artigos do ECA e as realidades sociais, nas quais o abuso sexual, o infanticídio e o trabalho infantil constituem mazelas rotineiras. A este respeito, pode-se mencionar o “Plano de luta contra as violências praticadas contra as crianças”, apresentado pela primeira ministra francesa Elisabeth Borne para o período de 2023-2027. O plano elenca 22 medidas governamentais organizadas em seis eixos, dentro os quais “Sensibilizar, formar e informar³”, “Proteger melhor as crianças⁴” e “Acompanhar melhor as crianças vítimas⁵”. No Brasil, a campanha “Maio laranja”, criada em 2000, se inscreve no campo do Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, em 18 de maio. Trata-se de uma iniciativa para fazer frente a um título vergonhoso outorgado ao Brasil: o segundo país com maior número de crianças e adolescentes explorados sexualmente, perdendo apenas para a Tailândia. Eis alguns dados compilados pelo Instituto Liberta:

A cada 24 horas, 320 crianças e adolescentes são explorados sexualmente no Brasil; O número de vítimas pode ser ainda maior, já que apenas 7 em cada 100 casos são denunciados; 75% das vítimas são meninas; As vítimas sofrem espancamentos, estupros e estão sujeitas ao vício em álcool, drogas e infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) (Brasil Paralelo, 2023).

Face a este cenário desolador, a autora e ativista antirracismo estadunidense bell hooks denuncia que “todos os dias, milhares de crianças em nosso país são abusadas verbal e fisicamente, passam fome, são torturadas e assassinadas. Elas são as verdadeiras vítimas de um terrorismo íntimo, sem voz coletiva nem direitos. Elas permanecem propriedade dos adultos que fazem delas o que querem” (hooks, 2020, p. 62). Parece-me muito prenhe de significados a noção de “terrorismo íntimo” apresentada por hooks como instrumento de análise do *corpus* proposto. E digo isto porque na mais contundente contramão das diretivas da Declaração universal dos direitos das crianças e do Estatuto da Criança e do Adolescente, acolho neste artigo narrativas nas quais ao pai são associados os crimes de incesto e de pedofilia contra seu rebento. Isto ocorre, muitas vezes, com a cumplicidade e o silenciamento das mães das vítimas, mulheres que têm conhecimento ou, pelo menos, desconfiam dos crimes ocorridos frequentemente sob o teto de suas casas, mas nada fazem para punir o abusador.

O texto da UNICEF enseja a criação de uma força tarefa de proteção à criança capitaneada, não nos esqueçamos, pelos pais da mesma. A família, enquanto primeira instituição de socialização acessada pela criança, se torna responsável pela aquisição de valores éticos e pelo desenvolvimento da integridade do menor de idade em sua plenitude. Retomo o campo semântico do sexto princípio da Declaração: “amor”, “compreensão”, “desenvolvimento pleno e harmonioso”, “amparo”, “responsabilidade de seus pais”, “afeto” e “segurança moral e material”. Perante este inventário amoroso e compromissado, o horror do abuso sexual perpetrado pelo pai contra sua filha passa a ser um crime ainda mais hediondo, o “terrorismo íntimo” de que fala hooks. E isto ocorre porque a paternagem se esvazia de seu compromisso afetivo-moral e se torna descalabro, sadismo, indecência, sujeição, incesto. O protetor se transforma em carrasco⁶; o porto seguro desencadeia as mais variadas violências.

³ Sensibiliser, former et informer

São de minha autoria as traduções livres para o português de fortuna crítica, dados governamentais e textos literários referenciados em francês.

⁴ Mieux protéger les enfants

⁵ Mieux accompagner les enfants victimes

⁶ A este respeito, ver o artigo de minha autoria “Eu tinha pena de mim, de mainha, de vó: violência doméstica contra mulheres em Gisèle Pineau e Jarid Arraes” (2023, p. 532) no qual comento o uso do termo por Pineau. No âmbito guadalupense, Simone Schwarz-Bart faz alusão ao carrasco em sua obra-prima *Chuva e vento sobre Têlumeé Milagre* ([1972]2023) quando descreve Elie caçando lagostins e Têlumeé lavando roupa no mesmo rio: “[...] eu escolhia uma boa pedra para minha roupa e começava a ensaboá-la torcê-la e batê-la, como o carrasco faz com sua vítima” (SCHWARZ-BART, 2023, p. 78). A cena, em seu efeito premonitório, antecipa as violências físicas da intriga, quando

Não à toa que, no âmbito dos crimes, o estupro (de vulnerável) parece ocupar o primeiro lugar de repugnância, provocando a incredulidade, o asco e a “falta de fé no homem” (Condé, 1993, p. 113). Tenhamos em mente que os abusadores sexuais são “réus discriminados pela população carcerária, que tem um código de honra e não tolera a convivência com eles” (Dias, 2006, p. 12). Nesta toada, os pesquisadores Raul Nascimento e Ryanny Guimarães esmiúçam o que nomeiam de “fator de retaliação” perpetrado no cárcere pelos prisioneiros contra os abusadores sexuais:

O fator de retaliação está intimamente ligado a uma espécie de “noção de justiça” construída a partir da lei de talião. Segundo essa visão, o estuprador deverá pagar por seu crime sentindo na própria pele o crime que cometeu. Esse fator pode ser resumido na frase “estupro por estupro”, fazendo uma releitura da clássica “olho por olho, dente por dente”. O fator de retaliação é amplamente difundido e até mesmo tolerado pela população brasileira. A razão disso é que há uma verdadeira construção sociocultural edificada em torno da intolerância e do repugno ao estupro e ao estuprador. Um exemplo dessa aversão veemente é a violência imensa que a população demonstra para com os estupradores: muitos são violentados, seviciados e linchados na própria comunidade em que estão inseridos pela população indignada (Nascimento; Guimarães, 2013, p. 208).

1 Do estupro ao incesto: apontamentos teóricos

Retomo brevemente as análises que imbricam a colonização nas Américas e a gênese de uma violência sexual sistêmica e endógena entranhada nas culturas caribenha francófona e brasileira. Em artigo anterior da série acerca de violências contra mulheres (ROCHA, 2023), recorri às intelectuais Silvia Federici, Angela Davis, Françoise Vergès (*Le ventre des femmes*), Djamila Ribeiro, Renata Deiró e me ative à Carta de Pero Vaz de caminha e à fala misógina de Jair Bolsonaro. Desta vez, valho-me dos pensamentos de Françoise Vergès (*Um feminismo decolonial e Uma teoria feminista da violência*), Edouard Glissant, Stéphanie Bérard, bell hooks e Maria Berenice Dias.

A cientista política e ativista francesa Françoise Vergès afirma que “O estupro sempre foi uma arma de guerra (e da guerra colonial, principalmente): não há colonização sem estupros, não há guerra colonial sem estupros, não uma ocupação imperialista sem estupros” (Vergès, 2021, p. 25). A intelectual caracteriza o estupro da seguinte maneira: “[...] estupro (fundamento de uma política da reprodução na colônia)” (Vergès, 2020, p. 52) e explica a relevância da “[...] análise do estupro como expressão de poder” (Vergès, 2021, p. 31). Por sua vez, o pensador martinicano Edouard Glissant garante que “não há martinicanos ou afro-americanos que não tenham pelo menos uma mulher violada dentre seus ancestrais⁸” (Glissant, 1997, p. 297). De maneira concisa, ambos os ensaístas reconhecem no abuso sexual um *modus operandi* amplamente instaurado que baliza a relação entre os corpos, notadamente a relação entre os corpos masculinos e femininos, nos espaços que sofreram a colonização e a escravização. Significa dizer que a fúria imperialista encontrou na invasão dos corpos uma maneira de legitimação do poder europeu/da virilidade europeia em terras americanas e de subjugação do mais vulnerável neste sistema hierarquizado. Logo, a violação dos corpos, principalmente do corpo feminino, compõe uma violência

Elie se voltará agressivamente contra a protagonista Télumée. Por sua vez, Maryse Condé atribui ao termo uma conotação afetiva (e irônica, angustiante) no romance *Corações migrantes* ([1995]2002), quando Irmine desposa Rayzé: “No dia 1º de janeiro de 1900, no dia em que o novo século nascia, casei-me com Razyé na prefeitura de Petit-Canal. Não me julguem! Eu amava este homem, meu carrasco” (CONDÉ, 2002, p. 108). O termo aparece outras vezes na narrativa, sempre denotando o marido agressor diante da esposa abusada (e resiliente, derrotada por antecipação em uma sociedade patriarcal nos idos do início do século XX.).

⁷ manque de foi en l’homme

⁸ Il n’y a pas de martiniquais ou d’afro-américain qui ne compte au moins une femme violée parmi ses ancêtres

constitutiva destas sociedades patriarcais forjadas na brutalidade pétrea da força e do controle sobre as mulheres.

É nesta perspectiva que bell hooks conclui que “só acabaremos com a violência contra a mulher ao desafiar o patriarcado” (hooks, 2020, p. 126). Maria Berenice Dias, desembargadora do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul e vice-presidente do Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM), faz eco à assertiva de hooks ao discorrer sobre o incesto:

Mas é óbvio que o modelo da família patriarcal, em que o homem exerce o poder e seus membros lhe devem obediência, facilita a ocorrência do incesto, que acaba por merecer a chancela da própria família, da sociedade e do Estado. Concorre também para isso o sentimento de menos valia que sempre cercou a mulher, historicamente considerada propriedade do homem (Dias, 2006, p. 13).

Sabe-se que o incesto configura conjunção carnal entre membros da família que possuem consanguinidade ou vínculos de adoção. No que diz respeito à origem etimológica da palavra incesto, ela “é construída a partir do privativo *in* e *cestus*, o prefixo *in-*, que indica um não de negação, e *cestus* é uma deformação de *castus*, que significa casto e puro, assim, *incestus* tem a definição de não casto, a palavra é derivada do Latim *incestum*, que quer dizer ‘sacrilégio’” (Valentim, 2023). No âmbito bíblico, o livro de Levítico proíbe explicitamente o incesto entre familiares, formulando uma série de sentenças que interdita a conjuntura carnal entre genitores, irmãos, primos, netos, tios, sobrinhos, cunhados e noras (Lv 18:6-18). Eis o que se diz sobre incesto entre pais e filhos (Lv 18:7): “7. Não descobrirás a nudez do teu pai, nem a nudez da tua mãe. Ela é tua mãe, e tu não descobrirás a sua nudez” (Bíblia, 2010, p. 162).

Nas palavras da advogada brasileira Nanci Gomes Valentim (2023), “A proibição do incesto constitui um tabu na maioria das comunidades humanas, em síntese a relação carnal entre parentes é avaliada como algo indigno e imoral e devida a essa consideração a legislação na maioria dos países proíbe as relações de incesto”. Temos notícia da proibição legal do incesto na jurisprudência dos Estados Unidos, da Alemanha e do Reino Unido. Em sentido oposto a estes três países, a legislação brasileira não tipifica o incesto como crime, com a ressalva de incestos contra menores de quatorze anos, considerados estupro de vulnerável. Nesta ótica, é de enorme relevância o projeto de lei 4224/21 que foi aprovado em 2023 na Câmara dos Deputados e que ainda precisa ser sancionado em outras instâncias. O projeto se atém à punição mais rigorosa para aqueles que praticarem incestos contra crianças e adolescentes. A realidade é a mesma na França. Alexandra Saviana explica, no artigo “Incesto na França, uma proibição civil, mas não criminal”, que o incesto era proibido no Antigo Regime, sendo punido, quando se tornava público, com pena de morte. O entendimento legal muda a este propósito quando da Revolução francesa, em 1789. Assim, “No primeiro Código Penal de 1791, o incesto não aparece, da mesma forma que a blasfêmia, a sodomia, a bestialidade e o suicídio, considerados “crimes imaginários” pelos revolucionários. ‘Com a entrada em vigor da lei secularizada, consideramos que o incesto é um problema moral’, observa Marie Romero¹⁰” (Saviana, 2023). Sagra-se, nos dois países, apenas a punição ao estupro incestuoso e não ao incesto sob suas diferentes formas.

Maria Berenice Dias alude ao incesto como “pacto de silêncio” e o caracteriza como “um dos crimes mais democráticos, uma vez que atinge a família de todas as classes sociais e níveis culturais” (Dias, 2006, p. 13). Decerto, “Por ser praticado no silêncio do lar, o incesto é um crime que todos escondem, parece ser um fato sobre o qual ninguém pode falar, nem discutir. É um

⁹ L'inceste en France, un interdit civil mais pas pénal

¹⁰ Dans le premier Code pénal de 1791, l'inceste n'apparaît pas, au même titre que le blasphème, la sodomie, la bestialité et le suicide, considérés comme des “crimes imaginaires” par les révolutionnaires. “Avec l'entrée en vigueur du droit laïcisé, on considère que l'inceste est un problème d'ordre moral”, note Marie Romero.

crime que a sociedade insiste em não ver, pois ninguém acredita existir” (Dias, 2006, p. 12). Esta conjuntura mascara os dados estatísticos, uma vez que há expressiva subnotificação de crimes incestuosos. Trago à baila alguns números baseados em registros de ocorrência no Brasil: “90% dos delitos são cometidos por homens que as vítimas amavam, respeitavam, neles confiando; 69,6% dos agressores é o próprio pai; 29,8% é o padrasto; 0,6% é o pai adotivo; não há registro de abuso por parte de pais homossexuais” (Dias, 2006, p. 12). No contexto guadalupense, recupero dados mencionados no segundo artigo da série sobre violência sexual contra mulheres: “3%¹¹ das mulheres sofreram violência sexual incestuosa na infância e adolescência [...]. O autor destas violências incestuosas é na maioria das vezes um tio (45% dos casos de incesto em comparação com 27% para o pai)”¹² (Condon *et al.*, 2022a, p. 5)

Isto posto, não é difícil se deduzir que ainda menos denunciados do que os incestos em geral, são os incestos de pai contra filha. O impasse se deve a numerosos fatores, que agem muitas vezes de maneira imbricada: a incompreensão da vítima face à violência ocorrida, a dificuldade da filha em criminalizar o pai, o medo de represálias por parte da vítima, o despreparo das instâncias investigativas, as dúvidas que pairam sobre o testemunho infantil, a falácia de que o coito foi consensual, a falta de testemunhas, a convivência materna, a culpabilização da vítima pela destruição da família, os prejuízos financeiros com a possível prisão do abusador, os entraves de gerenciar a rivalidade feminina entre mãe e filha como duas concubinas do pai e a difícil convivência familiar pós-denúncia.

No que pese à proibição bíblica do incesto, o livro sagrado encerra alguns episódios incestuosos, sendo o episódio de Ló o único no qual ocorre abuso sexual incestuoso entre pai e filhas. O livro de Gênesis nos apresenta Ló que, após a destruição de Sodoma e Gomorra e a perda da esposa, que virou estátua de sal por ter olhado para trás (Gn 19: 26), vivencia dois episódios de incesto com as filhas (Gn 19: 30-36). As cenas são relevantes, pois contribuem para o imaginário popular acerca do comportamento dos envolvidos neste tipo de incesto:

30. Ló partiu de Segor e veio estabelecer-se na montanha com suas duas filhas, pois temia ficar em Segor. E habitava numa caverna com suas duas filhas.

31. A mais velha disse à mais nova: “Nosso pai está velho, e não há homem algum na região com quem nos possamos unir, segundo o costume universal.

32. Vem, embriaguemos nosso pai e durmamos com ele, para que possamos nos assegurar uma posteridade”.

33. Elas fizeram, pois, o seu pai beber vinho naquela noite. Então, a mais velha entrou e dormiu com ele; ele, porém, nada notou, nem quando ela se aproximou dele, nem quando se levantou.

34. No dia seguinte, disse ela à sua irmã mais nova: “Dormi ontem com meu pai, façamo-lo beber vinho ainda uma vez, esta noite, e dormiremos com ele para nos assegurarmos uma posteridade”.

35. Também naquela noite embriagaram seu pai, e a mais nova dormiu com ele, sem que ele o percebesse, nem quando ela se aproximou, nem quando se levantou.

36. Assim, as duas filhas de Ló conceberam de seu pai (Bíblia, 2010, p. 65).

Estamos diante de um pai, ainda no candente processo do luto por conta da viuvez, que foi vítima dos estratagemas das filhas, tornando-se vítima de coitos forçados dos quais efetivamente nunca se deu conta. A perfídia das filhas diante do homem inocente complexifica postulados dos

¹¹ Na ilha vizinha da Martinica, os dados relativos aos estupros são ligeiramente superiores: 3,2% (Condon *et al.*, 2022b, p. 2).

¹² 3 % des femmes ont vécu des violences sexuelles incestueuses dans leur enfance et leur adolescence [...]. L’auteur de ces violences incestueuses est le plus souvent un oncle (45 % des cas d’inceste contre 27 % pour un père).

estupros/incestos segundo os quais os mais fortes subjagam os mais fracos e que os abusos sexuais são cometidos essencialmente por homens. Se é sabido que as exceções confirmam as regras, é também notória a força do texto bíblico na formação de cristãos em todo o mundo. Estabelecem-se, assim, dúvidas sobre os testemunhos das mulheres/meninas violadas pelo genitor. Seriam realmente inocentes? Teriam seduzido o pai como as filhas de Ló? Seriam ardilosas, agindo de caso premeditado?

Outro aspecto que me parece significativo neste episódio de Ló repousa nas motivações do incesto. A conjuntura carnal definitivamente não tem relação com desfrute físico, prazer e gozo. As filhas transformam o sexo em ponto de partida para uma causa nobre: cumprir o costume universal da maternidade. Isto me parece perigoso, pois promove a falácia de que haveria um “bem” por detrás do estupro, como, por exemplo, a preocupação paterna de cuidar da iniciação sexual das filhas, preparando-as para a vida adulta em sociedade.

É importante se constatar que “O incesto, notadamente do pai que seduz a filha, embora seja uma prática relativamente comum em todas as classes sociais, é tema tabu que tem sido corajosamente tematizado por algumas escritoras contemporâneas” (Figueiredo, 2020, p. 255). Há “problemas sociais espinhosos dos quais ninguém se atreve a falar nas Antilhas, como o incesto¹³ [...]” (Bérard, 2010, p. 173), o que expõe a “propensão do povo antilhano à dissimulação¹⁴” (Bérard, 2010, p. 173). Para fazer frente à dissimulação e ao tabu que enevoam a percepção e o exame do tema do incesto de pai contra filha, três escritoras acolhem esta barbárie de maneira visceral em seus escritos. Imbuídas da sapiência de que “escrever é dialogar com a vida” (Camelo, 2022, p. 13) e de que “Contra a brutalidade do real, a força da ficção” (Magri, 2022, p. 153), o trio interpela os leitores e a sociedade a levantarem o tapete para baixo do qual foram banidas por muito tempo as molestações indecorosas da pedofilia e do incesto.

2 A escrita do incesto em vozes literárias femininas¹⁵

Gisèle Pineau, Nicole Cage-Florentiny e Cinthia Kriemler são escritoras latino-americanas contemporâneas cujos escritos refletem sociedades “mantenedora[s] de violências, preconceitos e discriminação” (Dias, 2019, p. 11). Seus textos transitam entre diferentes gêneros e se inscrevem, respectivamente, na tessitura literária do arquipélago de Guadalupe, da ilha da Martinica (ambos no Caribe) e do Brasil. As obras aqui analisadas, os romances *L'Espérance-Macadam* (1995), *C'est vole que je vole* (1998) e *Tudo que morde pede socorro* (2019) se localizam no início da carreira literárias das autoras (o segundo romance de Pineau e de Kriemler e o primeiro de Cage-Florentiny), o que evidencia um profundo interesse em temas urgentes da sociedade atual, com ênfase nos que atravessam o universo feminino. Centradas no vínculo sexual incestuoso entre pai e filha e separados temporalmente por mais de duas décadas, os três romances exemplificam o fôlego ascendente de escritoras contemporâneas contemplando temas tabus e sensíveis que foram por muito tempo negligenciados ou tangenciados na literatura produzida por homens. Para além das obras aqui mencionadas, as autoras compõem universos literários com textos com mais

¹³ problèmes sociaux épineux dont personne n'ose parler aux Antilles, comme celui de l'inceste [...]

¹⁴ propension du peuple antillais à la dissimulation

¹⁵ A escritora francesa Christine Angot (1959) publica em 1999 o romance autobiográfico *L'inceste*, centrado nas relações incestuosas com o pai Pierre Angot, tradutor e intelectual parisiense. A publicação se consagra como uma obra canônica sobre o tema, sobretudo por evocar personagens conhecidos em um texto autorreferenciado. Contudo, não percamos de vista que o pioneirismo literário no tratamento do tema do incesto no âmbito da literatura em língua francesa contemporânea escrita por mulheres remonta à Gisèle Pineau e à Nicole Cage-Florentiny que publicaram, em 1995 e em 1998 narrativas que, respectivamente, se centram no tema do incesto e nas quais as vítimas narram em primeira pessoa a experiência incestuosa. Não se trata aqui de emitir qualquer julgamento de valor acerca das obras das autoras, mas de reivindicar o pioneiro antilhano comumente obliterado pela crítica-literária.

personagens femininas que masculinas, no qual as mulheres protagonizam a cena e a narração é majoritariamente feminina. Para que se tenha uma ideia da filiação ao universo feminino, Cinthia Kriemler dedica o romance de 2019 à mãe e às tias (“matriarcas com quem aprendi que a liberdade não é negociável” – Kriemler, 2019, p.5) e à filha “que abraçou esta ancestralidade de mulheres fortes” (Kriemler, 2019, p. 5). Por sua vez, Nicole Cage-Florentiny concede uma entrevista à pesquisadora Hanétha Vété-Congolo, na qual descortina as linhas de força de sua obra:

Quanto aos romances adultos, meu projeto é apresentar as mulheres contemporâneas de hoje em situações extremas, com *C'est vole que je vole*, a loucura e o incesto, a prostituição com *L'Espagnole*, e adultério com *Aime comme musique*. Através desta questão que não é apenas feminista, há algo da ordem de uma mitologia interna de uma espécie de ideal, de uma sociedade mais humanizada e de novas relações entre homens e mulheres, desprovidas de relações de poder que consomem muita energia e impedem homens e mulheres de se dedicarem ao que é essencial¹⁶ (Vété-Congolo, 2006)

Como reivindicado em publicações anteriores, pleiteio para a escritora guadalupense Gisèle Pineau (1956) o título de escritora antilhana francófona que mais privilegia (e de forma mais contundente) o tema dos abusos sexuais em sua tessitura romanesca. Para ilustrar sua profunda relação com a representação literária das barbáries do cotidiano, percorro brevemente alguns de seus livros. Em *Fleur de Barbarie* (2005), a narradora enumera os assuntos que ganham as manchetes dos jornais, sendo o incesto o primeiro a ser mencionado: “Cerca de trinta recortes de imprensa datados das décadas de 1960 a 2000 relatavam notícias em todo o mundo: incestos, prisões de crianças traficantes de drogas, naufrágios de barcos na costa da Flórida, estupros de avós, infanticídios...”¹⁷ (Pineau, 2005, p. 287). Enumeração similar ocorre em *Morne Cápresse* (2008): “E depois, infanticídio, estupro, assassinato, incesto... Sem falar nos roubos, furtos, desvios de todo tipo...”¹⁸ (Pineau, 2008, p. 111). Em *Cent vies et des poussières* (2012) a narradora faz referência ao estupro em vários momentos, retratando-o como um perigo constante à espreita das meninas/mulheres: “Ela odiava mais do que nunca o lugar que regularmente chegava às manchetes do *France-Antilles*. ‘Eu te avisei, Gina... Olha! Os negros estão se matando a poucos passos da sua casa. Estupro, assassinato, roubo...’”¹⁹ (Pineau, 2012, p. 42) e um ato recorrente em comunidades vulneráveis economicamente: “Seria capaz de torturá-la, estuprá-la... Aconteceu com meninas mais novas que ela em Ravine Claire. Muitas vezes acontecia à noite, no escuro. Pela manhã, as pessoas que falavam sobre isso sussurravam que os corpinhos estavam rasgados entre as coxas”²⁰ (Pineau, 2012, p. 238). Em *Chair Piment* (2002), somos apresentados à guadalupense Mina, uma

¹⁶ Pour ce qui est des romans adultes, mon projet est de mettre en scène des femmes d'aujourd'hui, contemporaines dans des situations extrêmes que ce soit, pour *C'est vole que je vole*, la folie, l'inceste et la prostitution avec *L'Espagnole*, et l'adultère avec *Aime comme musique*. À travers cette problématique qui n'est pas seulement féministe, il y a quelque part quelque chose de l'ordre d'une mythologie interne d'une espèce d'idéal, d'une société plus humanisée et des rapports nouveaux entre hommes et femmes, dépourvus de rapports de force qui prennent beaucoup d'énergie et empêchent les hommes et les femmes de se consacrer à l'essentiel.

¹⁷ Une trentaine de coupures de presse datant des années 1960 à 2000 rapportaient des faits divers à travers le monde : incestes, arrestations d'enfants dealers, naufrages de boat people au large de la Floride, viols de grands-mères, infanticides...

¹⁸ Et puis, infanticides, viols, assassinats, incestes... Sans compter les braquages, les vols, les malversations en tout genre

¹⁹ Elle détestait plus que jamais l'endroit qui faisait régulièrement les gros titres du *France-Antilles*. “Je t'avais prévenue, Gina... Regarde! les nègres s'entre-tuent à deux pas de ta maison. Viol, assassinat, braquage...”

²⁰ Seraient capable de la torturer, la violer... Ça arrivait à des fillettes plus jeunes qu'elle à la Ravine Claire. Souvent, ça se passait la nuit, dans la noirceur. Au matin, les gens qui en parlaient chuchotaient que les petits corps étaient déchirés entre les cuisses.

ninfomaniaca que, menor de idade, seduz o marido da tia para vingar a irmã maltratada pela tia (Pineau, 2002, p. 84).

Em entrevista concedida a Thomas Spear, Pineau designa o “incesto” como tema de seu segundo romance, *L’Espérance-Macadam* (1995): “Em meus romances, frequentemente encontramos personagens que vivenciaram dramas na infância. [...] Há também histórias de dominação que encontramos, por exemplo, em *L’Espérance-Macadam*, histórias de infâncias destruídas, incesto, dramas familiares²¹ (Spear, 2009). O romance configura a obra mais expressiva da autora em torno do tema do incesto de pai e filha e o faz de maneira surpreendente, pois:

a narração sobrepõe dois estupros incestuosos para demonstrar o peso do legado traumático do passado nas perversões sexuais entre o carrasco e a vítima. A narração se debruça sobre a desagregação da família e, de fato, da sociedade durante a apresentação de um pai e seu filho que estupram suas respectivas filhas: Eliette e sua sobrinha Ângela²² (Couti, 2012, p. 83).

Elejo *L’Espérance-Macadam*, laureado com prêmio RFO em 1996, como o livro pineauiano de leitura mais sofrida e angustiante; um punhal no peito do leitor. Para Priscilla Maunier, “*L’Espérance-Macadam* é um romance que fala da violência contra as mulheres. É comum que personagens femininas sejam estupradas, mortas ou maltratadas por homens. O sofrimento físico é expressado através dos corpos estéreis, torturados ou desmembrados das mulheres²³” (Maunier, 2008, p. 35). Ao contrário de obras guadalupenses anteriores que apenas insinuavam o incesto (Rocha, 2024), ou o mencionavam sem se ater aos pormenores, Gisèle Pineau descreve minuciosamente as etapas dos abusos perpetrados pelo pai Rosan contra a filha Ângela ao longo de seis anos, desde as primeiras bulinações, aos 8 anos, passando pela fatídica primeira penetração do falo paterno, quando a menina tinha 10 anos, até chegar ao momento em que o pai demonstra interesse em violar também a filha mais nova, Rita, de 7 anos. A violência sofrida por Ângela lhe empurra para a casa da vizinha Eliette Florentine, uma senhora introspectiva de 68 anos, onde ela se refugia após fugir de casa. A escuta da tragédia da menina violada desencadeia reminiscências do abuso incestuoso que Eliette sofreu do pai na infância, estupro ocorrido na véspera da chegada do Ciclone de 28²⁴ e que lhe abriu as entranhas, causando-lhe afasia traumática. O texto se organiza pela fala do narrador e pelos fluxos das lembranças de Eliette, sobrepondo os incestos de maneira simbiótica sem que, contudo, as vítimas saibam do vínculo familiar entre elas e entre os pais abusadores. Para além da superposição dos incestos, o texto sobrepõe os ciclones de 1928 e o de 1989, espelhando a razia da passagem do ciclone à tragédia das engendradas pelos pais pedófilos.

Gisèle Pineau discorre sobre a gênese deste romance em entrevista concedida à pesquisadora Chantal Anglade:

²¹ Dans mes romans, on rencontre souvent des personnages qui ont vécu des drames dans leur enfance. Ils vivent l’exil, ce qui rejoint mon propre parcours. Il y a aussi des histoires de dominations qu’on retrouve par exemple dans *L’Espérance-Macadam*, des histoires d’enfance brisée, d’inceste, de drames familiaux.

²² [...] la narration superpose deux viols incestueux pour démontrer le poids de l’héritage traumatisant du passé dans les perversions sexuelles entre le bourreau et la victime. La narration s’appesantit sur l’éclatement de la famille et, de fait, de la société lors de la présentation d’un père et de son fils qui violent leurs filles respectives: Eliette et sa nièce Angela.

²³ *L’Espérance-Macadam* est un roman qui raconte la violence faite aux femmes. Il est commun que les personnages féminins soient violés, tués ou maltraités par les hommes. La souffrance physique s’exprime par le corps stérile, torturé ou démembré des femmes.

²⁴ O ciclone de 12 de setembro de 1928 foi um dos mais devastadores da história da Guadalupe, vitimando mais de 1.300 pessoas e destruindo grande parte das construções do arquipélago. Ele passou a ser nomeado de o Ciclone de 28, com a letra “c” grafada em letra maiúscula (Prudent, 2018).

Em 1989, o ciclone Hugo devastou Guadalupe, violando-a. Este ciclone foi o ponto de partida para este romance sobre o incesto que há muitos anos queria escrever... Acho que é essencial para um autor levantar tabus, denunciar... escrever contra a violência. Não estou julgando as Antilhas, o incesto existe em todo o mundo... Mas sei que também aí os pais dizem às suas filhas “Tenho que experimentar você”. É um horror absoluto... Não sei se conseguiria escrever novamente um romance como *L'Espérance-Macadam*. É um romance que também expressa o meu desamparo face a um mundo que tolera e muitas vezes banaliza a sua própria violência. É um romance que diz: “Não sou indiferente. Só tenho a caneta para lutar... “Quero ser testemunha do meu tempo, escritora e mulher...”²⁵ (Anglade, 2003)

A narração de *L'Espérance-Macadam* encaminha o leitor passo a passo na trágica vida de Ângela, em um *crescendo* narrativo. A primeira cena em torno de uma aproximação corporal entre o pai e a filha ocorre quando o pai volta do trabalho e Rosan-Rosette-Ângela (pai-mãe-filha) se reúnem na sala:

À noite, quando Rosan voltou para casa, Ângela correu para os braços dele para que ele pudesse pegá-la e girá-la até ela ficar tonta, mole e soluçando de tanto rir. Ele beijou suas orelhas, nariz, boca e depois bochechas. Levantou a camisa, fechou os olhos e passou a mão áspera pelos seios para verificar se as sementes haviam crescido. Era um jogo, sempre. Todos riram, até Rosette²⁶ (Pineau, 1995, p. 147).

Alguns aspectos se sobressaem na cena. De início, a questão flagrante do “jogo”, a brincadeira entre pai e filha que eclode assim que ele chega em casa. O contato físico se insinua como explosão de cumplicidade, demonstração máxima de afeto, ritual de reencontro. Em seguida, a alegria que advém deste jogo. Isto me parece bem importante, por embaralhar a recepção da filha. Afinal, como algo tão feliz pode ser inapropriado? Destaco, ainda, a rapidez com que o jogo e os beijos se transformam no levantar da roupa da menina, exibindo o torso desnudo que será percorrido pela mão áspera do pai. O assédio ao corpo da filha e a nudez não consentida adentram a esfera da brincadeira: constatar o crescimento dos seios da pequena. Observa-se a menção ao olho fechado do pai ao tatear o seio da filha. O gesto acentua o caráter libidinoso do ato, pois naturalmente bastava olhar para conferir, se fosse o caso, o crescimento da mama. Por fim, evidencia-se o riso materno diante da cena, aprovando a cumplicidade entre pai e filha. Tudo isto na sala da casa, sob à luz, em momento de congregação familiar. O único “senão” da cena idílica é a aspereza da mão do pai, elemento perturbador que será retomado outras vezes por Pineau. O mesmo ocorre na caracterização dos olhos do bulinador na narração. Neste primeiro momento, ele se encontra cerrado; o tato é o sentido realçado e os olhos saem de cena, despindo-se da responsabilidade da observação, do zelo. Todos os demais elementos mostram que o ovo da serpente do incesto estava sendo gestado dentro da rotina da família.

²⁵ En 1989, le cyclone Hugo a dévasté la Guadeloupe, l'a violée. Ce cyclone a été le point de départ de ce roman sur l'inceste que je voulais écrire depuis de nombreuses années ... Je pense qu'il est essentiel pour un auteur de lever les tabous, de dénoncer ... d'écrire contre la violence. Je ne fais pas le procès des Antillais, l'inceste existe partout dans le monde... Mais je sais que là-bas aussi des pères disent à leur fille “ je dois t'essayer ”. C'est l'horreur absolue... je ne sais pas si je pourrais de nouveau écrire un roman comme *L'Espérance-Macadam*. C'est un roman qui dit aussi mon impuissance face à un monde qui tolère et banalise souvent sa propre violence. C'est un roman qui dit : “ je ne suis pas indifférente. Je n'ai que ma plume pour combattre... ” Je veux être témoin de mon époque, écrivain et femme...

²⁶ Le soir, quand Rosan rentra, Angela courut dans ses bras pour qu'il la soulève et la fasse tourner dans les airs jusqu'à ce qu'elle soit étourdie, molle et toute hoquetante de rires. Il l'embrassa sur les oreilles, le nez, la bouche et puis les joues. Il souleva sa chemise, ferma les yeux et passa une main rêche sur ses tétés pour vérifier si les graines avaient poussé. C'était un jeu, depuis toujours. Tout le monde riait, même Rosette.

Passemos ao momento seguinte de representação do assédio na narrativa:

Enquanto ouvia o tilintar das panelas ao longe, ele deu boa noite para Ângela, passando a língua pelos dedos pelos mesmos caminhos proibidos, mamando, chupando o corpinho da filha. O jogo dos primeiros dias acabou sendo diferente, como um daqueles carrosséis antigos com engrenagens gastas que rangem como o inferno em vez de emitirem um belo badalar. Rosan voltava todas as noites. Boa noite, meu anjo, boa noite. Todas as noites. Seus dedos ásperos endurecidos pelo cimento. Todas as noites buscando na calcinha, procurando, machucando, sugando. Os olhos enlouquecidos, o dedo sobre os lábios, shhh! O coração batendo. O medo. Meu Deus. Mamãe Rosette...²⁷ (Pineau, 1995, p. 155).

Neste segundo ato, elementos norteadores da primeira cena se dissipam. A família reunida na sala cede lugar à mãe que lava louça na cozinha enquanto o pai coloca a filha para dormir. Os barulhos da louça configuram uma espécie de ampulheta de segurança que permite ao violador medir o tempo em que permanecerá sozinho com a filha no quarto dela. O termo “proibido” denuncia a completa deterioração da cena familiar anterior. Os jogos se mantêm, embora a diferença no toque seja perceptível pela menina. As gargalhadas que provocavam soluços cedem lugar à exigência do silêncio. Enquanto a alegria é compartilhada, escandalosa, o sofrimento precisa ser comedido, quieto. Reencontramos a aspereza paterna, desta vez nas mãos que bulinam e penetram a vagina da filha. Os olhos passam de “fechados” (ausentes) a enlouquecidos, denunciando a luxúria paterna. Novos elementos narrativos se notabilizam, como o campo semântico sexual. Se, na cena anterior, o pai pega, vira e beija, desta vez ele passa a língua, mama e chupa. A blusa levantada cede lugar à calcinha abaixada. A repetição dos atos criminosos se adensa no emprego do gerúndio nos verbos “buscar”, “procurar”, “machucar” e “sugar”. O ovo da serpente eclodiu. As pretensas sutilezas do toque se dissolvem. A violência que antes era instrumentalizada nas mãos, passa a ser cometida igualmente pela boca. O termo “corpinho” assinala a fragilidade da pequena aos oito anos; o uso do diminutivo acentuando a brutalidade das intercorrências. O adulto que deveria proteger é o que avulta, deflora. O campo imagético religioso também adentra a cena. O carrossel, brinquedo infantil por excelência, passa a arranhar e a ranger como o inferno, denunciando uma engrenagem desencaixada, disforme. Propõe-se uma dualidade entre o inferno e Deus, evocado na parte final do trecho, quando se acumulam as súplicas da menina face ao sacrilégio. Sugere-se que o pai está possuído por forças maléficas, o que se confirma mais adiante: “Para encontrar uma desculpa, Ângela às vezes imaginava que seu pai estava possuído por um espírito e que nada sabia das ações desse demônio que usurpou seu envelope para abusar dela²⁸” (Pineau, 1995, p. 155). Na parte final, a enumeração das súplicas - uma sucessão de frases curtas - me faz pensar no ritmo das estocadas no dedo paterno no corpo infantil. A menina pensa na mãe, iniciando um ciclo de culpa que se aprofundará mais adiante.

Prosseguimos com a cena da primeira penetração do falo paterno durante o ato incestuoso, uma longa cena que reproduz quase na íntegra:

- Shhhhh! Não diga nada para tua mãe. Nunca... Não traia nosso segredo! [...]

²⁷ Tant qu'il entendait tinter les casseroles au loin, il disait bonsoir à Angela, faisant descendre sa langue après ses doigts dans les mêmes chemins défendus, tétant, suçant le petit corps de son enfant. Le jeu des premiers jours tournait différemment, pareil à un de ces manèges antiques aux rouages usés qui grincent l'enfer au lieu de donner un gentil carillon. Rosan revenait chaque soir. Bonsoir, mon ange, bonsoir. Chaque soir. Ses doigts rêches raidis par le ciment. Chaque soir cherchant dans la coulotte, fouillant, blessant, tétant. Les yeux fous, le doigt sur les lèvres, chut! Le cœur battant. La peur. Mon Dieu. Manman Rosette...

²⁸ Pour lui trouver une excuse, Angela se figurait parfois que son papa était possédé par un esprit et qu'il ne connaissait rien des agissements de ce démon qui usurpait son envelope pour l'abuser, elle.

Quando a besta arrancou sua calcinha, Ângela quis chamar sua mãe, mas uma voz gritou para ela Judas, então ela guardou o grito na garganta. Não, não era seu pai. Ela fecha os olhos para não vê-lo. O diabo tinha o poder de tomar qualquer forma. Ela sabia disso. Não, não era seu pai...

Ele não passou os dedos sobre sua barriga naquela noite. Não, Senhor, ele os enfiou entre as coxas de uma maneira tão selvagem que a sufocou e ela só teve força para chorar em silêncio. Ele não beijou os mamilos, não pediu perdão. Enfurecido, ele procurava uma recompensa, abria suas coxas como se fosse rasgá-la. Ela deixou escapar um gemido que não o parou. Ele esmagou sua boca. Sentindo que ele enfiava um ferro na sua florzinha bem fechada, ela quis empurrá-lo para longe de sua barriga que se abria.

Ela quis gritar mais uma vez, mas perdeu as palavras. Ela queria também se debater, mas a besta já tinha forçado a entrada, saqueado, estampado a pele. Já estava nela. No mais profundo de suas entranhas. Serpenteava sua barriga. Subia na garganta. A besta cavava nela, queimando. Fogo, sim. Tinha fogo entre suas coxas. Não se mexer para não se incendiar. Fogo! Morder os lábios. Fogo, Senhor, fogo por toda parte! Na sua florzinha violentada, na sua barriga, em todas as veias do seu corpo, até sua cabeça que ela sentia queimar inteira [...]. Ela começou a chorar enquanto ele a apertava mais forte, inflava nela, procurava ir mais longe nas sendas de seu corpo, a agarrava, gemendo. Então, ela chorou pequenas lágrimas de sangue, que poderiam ter sido confundidas com lágrimas comuns, transparentes e salgadas. Mas, era sangue mesmo. Pequenas lágrimas de morte, já que certamente ela ia morrer naquela noite no quarto. [...] Choros sem palavras, para não magoar seu papai, sua mamãe Rosette. Ele a segurava pelas duas bandas da bunda, a apertando com força contra ele, para que a besta entrasse toda, a cortasse e a matasse. Ela estava tomada por esta cobra que ela não podia vomitar nem arrancar. Ela pensou na Senhorita Estelle que dizia sempre que os jovens de hoje não buscavam mais a esperança de Deus, então Cristo os abandonava à própria sorte²⁹ (Pineau, 1995, 156-157).

Cena extremamente dramática e clímax da narrativa pineauniana, a perda da virgindade de Ângela é composta por repetições estruturais. Encontramos uma verdadeira poética do “não” com 17 aparições do advérbio. O choro é retomado 4 vezes. Sentenças como “Ela quis gritar mais uma

²⁹ Chut! Ne dis rien à ta manman. Jamais... Ne trahis pas notre secret! [...] Quand la bête arracha sa culotte, Angela voulut appeler sa manman, mais une voix la cria Judas, alors elle garda le cri dans sa gorge. Non, c'était pas son papa. Elle ferma les yeux pour ne pas le voir. Le diable avait pouvoir de prendre n'importe quelle forme. Elle le savait. Non, c'était pas son papa... Il ne fit pas marcher ses doigts sur son ventre ce soir-là. Non, Seigneur, il les lui enfonça entre les cuisses d'une manière tellement sauvage qu'elle en fut suffoquée, n'eut que la force de pleurer en silence. Il ne lui embrassa pas les tétés, ne lui demanda pas son pardon. Enragé, il cherchait un butin, lui écarta les cuisses comme pour la déchirer. Elle poussa un râle qui ne l'arrêta pas. Il écrasa sa bouche. Sentant qu'il enfonçait un fer dans sa petite coucoune bien boutonnée, elle voulut le repousser loin de son ventre qui s'ouvrait. Elle voulut crier encore une fois, mais elle avait perdu la parole. Elle voulait se débattre aussi, mais la bête avait déjà force l'entrée, saccagé, embouti. Était déjà en elle. Au plus profond de ses entrailles. Serpentait dans son ventre. Remontait dans sa gorge. La bête fouaillait en elle, brûlante. Du feu, oui. Il y avait du feu entre ses cuisses. Ne pas bouger pour pas tomber en cendres. Du feu! Se mordre les lèvres. Du feu, Seigneur, partout du feu! Dans sa petite coucoune violentée, dans son ventre, dans toutes les veines de son corps, jusqu'à sa tête qu'elle sentait brûler tout entière [...]. Elle se mit à pleurer tandis qu'il la serrait plus fort, enflait en elle, cherchait à gagner plus loin encore dans les sentes de son corps, l'étreignait, gémissait. Alors, elle pleura des petites larmes de sang, qu'on aurait pu confondre avec des larmes ordinaires, transparentes et salées. Mais, c'était bien du sang. Des petites larmes de mort, puisqu'elle allait mourir cette nuit-là dans sa chambre, c'est sûr. [...] Des pleurs sans paroles, pour pas faire de la peine à son papa, à sa manman Rosette. Il la tenait par les deux pommes de ses fesses, la serrant de force tout contre lui, pour que la bête entre jusqu'à la garde, l'entraille et la pourfende. Elle était pleine de cette bête longue qu'elle ne pouvait ni vomir ni arracher. Elle songea à Mademoiselle Estelle qui disait toujours que les jeunes d'aujourd'hui ne cherchaient plus l'espérance de Dieu, alors Christ les abandonnait à leur sort.

vez, mas perdeu as palavras” dão o tom adversativo da cena, na qual os esboços de reação da menina rapidamente capitulam diante da força e da imponência paternas. Retoma-se o diminutivo para acentuar a fragilidade da “florzinha” da menina “tomada por esta cobra”. A imagem ilustra o aspecto cinematográfico da situação, na qual colidem a pequenez da vítima e a robusta virilidade criminosa do pai; corpos diametralmente opostos. No que tange aos olhos, elemento importante na narrativa da autora, desta vez é a menina que os mantém fechados, pois não é admissível ver o rosto do pai como desencadeador de tamanha tortura. De olhos fechados, a menina pode insistir na ideia de que aquele homem não é seu pai, transferindo sua culpabilidade para outrem, o diabo. Reitera-se também a noção do pai diabolizado, possuído, alheio às suas faculdades mentais e físicas. Explicar-se-iam, assim, o fogaréu da cena, a vagina em brasas e o sangue da virgindade como parte da presença nefasta do demônio. Nesta perspectiva, enfatiza-se o nome da menina Ângela, cujo significado é angelical e bondosa; a intriga contrapondo a inocência angelical da menina ao pai endiabrado. Na mesma linha de pensamento da desidentificação do pai como abusador, podemos aludir aos diferentes termos para nomear o pênis: “besta”, “cobra” e “ferro”. Não se trata do corpo do pai, mas de animais e instrumentos (de tortura) que a perfuram como se tivessem vida própria. O procedimento traz à mente o episódio bíblico de Ló, pai que se manteve alheio e passivo nas relações incestuosas com as filhas. Pineau retrata magistralmente o estupro pelo sequenciamento verbal: ele “arrancou”, “enfiou”, “sufocou”, “abria”, “rasgá-la”, “esmagou”, “enfiava”, “serpenteava”, “subia”, “cavava”, “apertava”, “inflava” e “agarrava” enquanto ela “quis chamar”, “fecha”, “quis empurrá-lo”, “quis gritar”, “perdeu” e “chorou”. O crime hediondo não deixa nenhuma possibilidade de defesa à vítima.

Merece destaque a menção a Judas no início do trecho. Em cena anterior, Ângela é duramente repreendida pela mãe, com agressão física, por ter contato ao pai algo que a mãe não desejava: “Foi a partir desse dia que Ângela aprendeu a calar-se, a calar-se para não magoar a mãe, o pai. Para que não a chamem mais de Judas³⁰” (Pineau, 1995, p. 149). Instalam-se então na pequena os medos de desapontar as expectativas dos pais e de ser ofendida por agressões verbais e físicas. Isto se acentua pela sentença no modo imperativo que desencadeia toda a cena da defloração: “Não traia sua mãe”. O pai imputa a traição à filha, liberando-se de qualquer culpabilização. É ela a culpada. Segundo Ana Maria Iencarelli, o abusador sexual de crianças é um perverso que

necessita da fantasia de poder sobre sua vítima, usa das sensações despertadas no corpo da criança ou adolescente para subjugar-la, incentivando a decorrente culpa que surge na vítima. O abusador pode ser agressivo, mas na maioria das vezes, ele usa da violência silenciosa da ameaça verbal ou apenas velada. Covarde, ele tem muito medo e sempre vai negar o abuso quando for denunciado ou descoberto (Iencarelli, 2018).

O fragmento final insiste na culpabilização da vítima, que teria sido relegada à própria sorte por não ser praticante religiosa. Vislumbro convergências entre a cena e um trecho do romance *Estela sem Deus* (2018), de Jeferson Tenório, no qual o estupro materno na frente da filha é interpretado como falta de Deus, negligência religiosa que desprotege e arrasta a vítima para o abismo: “[...] quem não tem Deus ao seu lado é castigado mais cedo ou mais tarde. [...] tem coisas que acontecem na vida da gente porque não andamos na companhia de Jesus, entende. Vocês não tinham Jesus no coração” (Tenório, 2018, p. 97). Como se vê, a ira divina e a sanha punitivista religiosa recaem impiedosamente sobre as ovelhas pretensamente desgarradas do rebanho.

Ângela suporta os estupros por seis anos, resolvendo denunciar o pai somente quando percebe seu interesse pela irmã mais nova. Quando da menstruação de Ângela, aos 13 anos, o pai

³⁰ C'est à compter de ce jour qu'Angela apprit à se taire, à garder le silence pour pas faire de peine à sa manman, à son papa. Pour qu'on l'appelle plus Judas

receia engravidá-la e chega a ficar um ano sem molestá-la. Ao retomar o ciclo incestuoso, a filha intensifica sua recusa e sua resistência, o que impulsiona o pai a direcionar sua mira à filha mais nova, vista como mais frágil e menos reativa. Eis a reação de Ângela: “Ela diz não. Lutou com raiva e desespero. Chutes. Socos. Mas ele era muito forte, muito pesado. [...] Braços e pernas presos, ela queria morder a mão que estava esmagando sua boca³¹” (Pineau, 1995, p. 162-163). Observa-se no cotejamento das diferentes cenas de estupro que a surpresa e o medo iniciais da vítima se tornaram ímpetos de autoproteção, luta corporal violenta que traduz a vontade de afastar de si o invasor. A se mencionar, igualmente, que a “poética do não” retoma a cena, desde vez pelo discurso de negação da filha que verbaliza para o pai sua recusa.

A escritora martinicana Nicole Cage-Florentiny (1965) publica o romance *C'est vole que je vole* em 1998, três anos após *L'Espérance-Macadam*. Trata-se do romance de estreia da autora, que tinha debutado em 1996 com uma recolha de poemas bilingue (francês e espanhol). Reeditado em 2006, o romance foi laureado com o prêmio belga Gros Sel. A trama acompanha Malaïka, mulher solitária internada em um hospital psiquiátrico em profunda crise de memória. Ao longo do tratamento médico, Malaïka tenta costurar flashes de lembranças que lhe aparecem em sonho/pesadelo. É neste momento que se recorda dos abusos incestuosos cometidos pelo pai, quando ela era menor de idade. Do genitor, sabe-se que era alcoolizado, que agredia a esposa e que decidiu retirar a virgindade da filha. A narrativa de Cage-Florentiny apresenta o incesto narrado em primeira pessoa e traz o estilo inconfundível da autora, prosadora e poeta, que constrói uma prosa poética que afrouxa as regras canônicas de pontuação e de uso de letras maiúscula. O livro é composto de alguns excertos em itálico, que exemplificam fragmentos do livro autobiográfico que Malaïka escreve sobre sua vida:

Havia um homem cada vez mais estranho que cheirava a álcool, com as mãos no meu peito, entre as minhas coxas. Eu estava tremendo de prazer Estava tremendo de frio Eu não conseguia mais dormir Ele disse que tinha o direito de fazer isso, que os papais amorosos fazem isso com seus beija-flores para mostrar o quanto eles os amam Eu estava tremendo de prazer opaco eu tremia de frio. Algo em mim se rebelou, fez meu coração doer, vomitei logo depois. Algo me disse que um pai não tem direito a esse prazer ambíguo, a essa violência suprema. Papai, papai, papai! Não sei mais como te chamar, não posso te amar, mas onde posso encontrar forças para te odiar? Oh mãe, por que você não disse nada?³² (Cage-Florentiny, 2006, p. 101, grifo do autor)

O trecho se aproxima de outro momento incestuoso entre Ângela e Rosan:

- Eu sou seu pai, ele sussurrou para ela, eu sou seu pai! Todos os dias coloco comida nesta casa para que você possa ficar de pé. Tenho o direito de montar minha montaria antes dos outros! Eu sou seu pai, Ângela! Quando você encontrar um homem que lhe dê isso, você não pensará mais no seu pai. Então, abro caminho para outros. E você não conta nada para sua mãe nem para ninguém se não quiser um drama aqui³³ (Pineau, 1995, p. 163).

³¹ Elle dit non. Se débattait dans la rage et le désespoir. Coups de pieds. Coup de poings. Mais il était trop fort, trop lourd. [...] Bras et jambes coincés, elle voulut mordre sa main qui lui écrasait la bouche.

³² Il y a eu cet homme de plus en plus étranger qui sentait l'alcool ses mains sur ma poitrine ses mains entre mes cuisses. Je tremblais de plaisir Je grelottais le froid Je n'en dormais plus Il disait qu'il en avait le droit, que les papasdoudous font ça à leurs petits colibris pour leur montrer à quel point ils les aiment Je grelottais d'un plaisir opaque je tressaillais de froid Quelque chose en moi s'insurgeait, ça me soulevait le cœur, je vomissais après, Quelque chose me disait qu'un père n'a pas le droit, ce plaisir ambigu, cette violence suprême. Papa papa papa! Je ne sais plus t'appeler papa Je ne peux t'aimer mais où trouver la force de te haïr? Oh maman pourquoi n'as-tu rien dit?

³³ - Je suis ton papa, lui souffla-t-il, je suis ton papa! Chaque jour j'ai mis à manger dans cette case pour que tu tiennes debout. J'ai le droit d'aller sur ma monture avant les autres! Je suis ton papa, Angela! Quand tu trouveras un homme

As duas passagens trazem para a superfície o convencimento do agressor da legitimidade da iniciação sexual da filha. Enquanto Rosan alude à prática como um direito, o pai de Malaïka inscreve o incesto no campo da manifestação amorosa. Estão um e outro bastante conscientes de seus atos. Sob esta ótica e à luz da sentença “-Eu sou seu pai!”, espécie de chave permissionária para todo e qualquer fim, cai por terra a fantasia engendrada por Ângela (uma espécie de autocuidado, até) acerca de um pai possuído pelo demônio. Aquele que a cavalga não é outro senão o próprio pai, conforme ele mesmo brada durante o sexo. Ambos agem de maneira premeditada, esvaziando o caráter passional da pedofilia e acentuando o caráter criminoso e hediondo da prática. Rosan ameaça a filha, chantageia-a, afirmando que um gesto incorreto da menina pode desencadear um drama familiar. Estamos diante da arrogância do agressor protegido pela certeza da impunidade. É por isto que: “devemos chamar o estupro de ato de violência, um ato sangrento, de parar o coração, tirar o fôlego e quebrar os ossos [...]” (Angelou, 2019, p. 51).

A personagem-narradora Malaïka formula uma das sentenças mais duras e assertivas acerca do embaralhamento na relação entre pai e filha engendrado pelos estupros. Ela confessa: “não posso te amar, mas onde posso encontrar forças para te odiar”, o que desnuda o dilaceramento intransponível do incesto, oscilando entre polos sentimentais opostos. Deste modo, “É comum que as crianças queiram permanecer com os adultos que a machucaram, porque investiram emocionalmente neles. Elas se apegam à suposição equivocada de que os pais as amam mesmo diante da lembrança do abuso, geralmente negando esse abuso e destacando eventuais gestos de carinho” (hooks, 2020, p. 67).

Chegamos agora ao último aspecto que gostaria de examinar nas obras: o lugar da mãe da menina estuprada diante do fatídico triângulo (amoroso-)sexual estabelecido à revelia pelo marido. O romance *Tudo que morde pede socorro* (2019) da carioca Cinthia Kriemler, contribui sobremaneira para a análise. Em seu segundo romance, a contista, romancista e poeta retrata a história da ex-professora Leonora que decide passar uma temporada na pequena cidade de Baependi, no sul de Minas Gerais, após episódios sensíveis, como a morte do namorado e a mutilação do braço após um grave acidente de carro. Passando a viver como tradutora, Leonora contrata a doméstica Francisca e conhece sua família: o marido Manuel e a filha Paula Regina. Não tarda para que a personagem-narradora Leonora descubra uma sórdida relação familiar que, pouco a pouco, ganha ares de thriller: Manuel violenta e engravida a filha Paula Regina, de 14 anos. Manuel agride a esposa Francisca, é denunciado por Leonora e preso. A família de Paula Regina não permite que ela aborte (pelo menos não dentro do prazo minimamente seguro segundo a medicina). Manuel foge da cadeia e resolve acertar as contas. Descobre-se em Francisca a grande vilã da história, pois ignorou a pedofilia do companheiro e tramou a prisão do marido tão somente para afastá-lo da filha por não aceitar seu interesse pela garota. A história termina de maneira trágica, com dois assassinatos. Reproduzo um excerto da parte final do romance no qual se explica a reviravolta da trama:

Ela não tem raiva de Paula Regina porque a filha quis abortar. Ela não é a mãe católica fervorosa preocupada com o pecado da filha. Ela não é a mulher inocente que nunca percebeu o que se passava sob o seu próprio teto. Francisca é um monstro. Como Manuel. É ódio o que ela sente por Paula Regina. É ciúme. Da mulher – e não da filha – que ela culpa por ter roubado o seu macho dentro de casa. Francisca não queria apenas que a filha tirasse a criança gerada pelo marido. Ela queria se livrar de Paula Regina. Ou pelo menos tentar. Por isso esperou passar o período legal do aborto sem dar o seu consentimento. [...] Francisca é lama. E eu mergulhei com ela nesse lodo. Acreditei no mito da mulher sofrida, da vítima incapaz de se rebelar, da criatura submissa que faz de tudo pelo bem-

pour te donner ça, tu ne penseras plus à ton papa. Alors, j'ouvre le chemin pour les autres. Et tu ne dis rien ni à ta maman ni à personne si tu ne veux pas un drame ici-là.

estar dos filhos. Na imagem da mãe que apanha para proteger as suas crias. Que se sacrifica para manter a família (Kriemler, 2019, p. 148-149).

A rivalidade feminina se reitera em outros momentos, como este abaixo:

Por causa de seu ciúme incontrolável, Francisca passou a odiar a filha. Quando rompeu sua ligação materna com Paula Regina, para se entregar ao desvario da paixão por Manuel, se afastou também de qualquer freio psicológico ou moral. Paula Regina não é a filha que ela gestou. Não é a menina estuprada pelo incesto paterno. É a mulher que tirou o seu homem. Mais jovem, mais bonita. Manuel, isentado de toda culpa, segue sendo o seu homem. O macho que se enfia nela até ela gemer e gritar. O ideal do que ela acredita e se convence ser amor. Ele lhe pertence. E nada vai ficar no caminho entre ela e seu objeto de posse (Kriemler, 2019, p. 155-156).

O romance de Cinthia Kriemler evidencia as múltiplas violências dos incestos, já elencadas neste artigo. Estamos diante de uma menina violada arremessada em um triângulo sexual no qual é duplamente agredida: pelo abusador e pela mãe ciumenta/cega/inconsequente. Esta composição não é incomum. As personagens Malaika e Ângela compartilham com ela esta sina. A primeira engravidada do pai incestuoso, ao que se segue um aborto articulado no seio do lar:

O dia em que ela ouviu você vomitar foi apenas uma confirmação para ela. Você está deitada em sua cama na sua cabeça tudo gira; náuseas e tonturas te sacodem te maltratam você se agarra à cama e morde os lábios para não gritar “Mamãe!” Porque você finalmente entendeu... Sem dizer uma palavra, com os lábios apertados, com um olhar vago, ela entra na sala, ela diz: “Aqui” e lhe entrega uma grande tigela fumegante. Cheira mal, cheira a vinho e canela e outras coisas estranhas, ervas misteriosas, sem dúvida³⁴ (Cage-Florentiny, 2006, p. 109-110).

A cena explicita a ruptura entre mãe e filha, a mãe ciente do estupro que se preocupa em se livrar do neto sem fazer um movimento sequer para a responsabilização do marido pedófilo e para o acolhimento afetivo da filha em sofrimento. Malaika encontra a indiferença, uma mãe muda a quem só interessa se livrar do bastardo, tanto quanto Francisca no romance de Kriemler. Logo em seguida, a narradora formula uma dúvida relevante após constatar o desaparecimento das visitas incestuosas do pai: “Ele desertou seu quarto (eles se falaram, ela e ele?)³⁵ (Cage-Florentiny, 2006, p. 111). O leitor é induzido a crer que, como se diz popularmente, colocou-se uma pedra sobre os estupros da vulnerável e também sobre a gravidez indesejada e o aborto imposto. Tudo se passa como se a interrupção do ciclo criminoso fosse suficiente para pulverizar toda a carnificina. A mãe se reconcilia com o marido e a filha violentada parece “sobrar” dentro de casa.

Em momento anterior, Malaika redige para a mãe uma carta que nunca lhe será enviada, um texto acusatório do qual reproduzo uma sequência:

Posso te dizer que te culpo por toda agressividade preservada na salmoura do meu coração Posso te dizer, mãe, te odeio pelo silêncio culpado - você realmente não sabia nada do gesto do pai ou nunca quis saber, protegida por uma cegueira e um silêncio que me doeram mais que as pancadas

³⁴ Le jour où elle t'entendit vomir ce ne fut pour elle qu'une confirmation. Tu es couchée sur ton petit lit dans ta tête tout chavire; nausées et vertiges te secouent te malmènent tu t'accroches au lit et tu te mords les lèvres pour ne pas crier "Manman!" Car tu as enfin compris... Sans un mot, les lèvres serrées, le regard vide, elle entre dans la chambre, elle dit: "Tiens" et elle te tend un grand bol fumant. Ça sent mauvais ça sent le vin et la cannelle et d'autres choses bizarres, des herbes mystérieuses, sans doute.

³⁵ Il a déserté ta chambre (ont-ils parlé, elle et lui?)

do papai Quer dizer, eu te odeio por tudo isso E naquele dia em que ele me pegou com ainda mais brutalidade do que normalmente ousei gritar, te chamar, você não disse nada ! (Cage-Florentiny, 2006, p. 99, grifo do autor)

A inércia materna faz com que Malaika lhe dê o apelido de “Mamãe-Silêncio³⁶” (Cage-Florentiny, 2006, p. 99) e com que formule um questionamento-mantra repetido como lamúria ao longo da narrativa: “Oh mãe, por que você não disse nada, mãe?³⁷” (Cage-Florentiny, 2006, p. 101). À solidão e às dores da personagem se somam dúvidas nunca elucidadas acerca da frieza materna. O duplo abandono parental será o estopim para que Malaika fuja de casa, passe a viver em situação de rua em meio a toda sorte de vulnerabilidade até ser violentada e ir parar no hospital psiquiátrico. O incesto desencadeia uma queda sem fim, na qual se desintegram a família, a promessa de felicidade e a lucidez da personagem.

Destino similar ocorre com Ângela no romance de Gisèle Pineau. Quando da denúncia de Ângela contra o pai incestuoso às instâncias policiais, Rosette, sua mãe, imagina: “Talvez ele tivesse tentado apenas uma vez, anteontem. Apenas tentado. E Ângela o denunciou imediatamente. Ele não teve tempo de cometer seu crime... Senhor, faça com que ele não tenha tido tempo! Rosette não viu nada, não ouviu nada³⁸” (Pineau, 1995, p. 181). Além de colocar em dúvida os crimes paternos perpetrados por longos seis anos, Rosette não acolhe a filha, entrando numa espécie de transe que parece antecipar sua morte quando da passagem do ciclone. Apavorada com o delírio materno, a menina se refugia na casa da vizinha. A situação dramática da mãe é descrita de maneira suntuosa:

Cinco dias em que Rosette se balançava, sentada de pernas cruzadas no chão. Levada por uma corrente flutuante [...] O mesmo ferro queimou as duas... Vida de mentiras. [...] Olhos vazios e úmidos de água turva no fundo de um poço de medo. Olhos visíveis, reflexos malucos, lâminas de sabre, raiva e morte. Ela não comia nem penteava o cabelo há quantos dias. Ela fedia. E seu cheiro empestou a sala, flutuando nas palavras que evocavam o passado, a juventude de Rosan. Fedor que falava de vergonha impura, denunciando a contaminação, o odor de carniça do estupro, o horror pútrido, as dores pestilentas do remorso, da decomposição (Pineau, 1995, p. 198).

A derrocada materna torna Rosette digna de pena. A revelação abrupta, o descalabro da culpa e o sentimento da morte em vida a esmagam, impedindo-lhe de reagir à situação assombrosa da destruição da família e do encarceramento do companheiro, um homem trabalhador que era visto por ela como ótimo pai de família. Os olhos, *leitmotiv* da escrita pineauniana, evidenciam o fundo do poço, a derrocada, o fim da linha. Podemos resumir o imbróglio da situação a partir da assertiva da pesquisadora Eurídice Figueiredo, para quem “A crueldade do incesto reside no fato de a criança/adolescente amar o pai, querer sua aprovação e seu amor. Quando se consuma o incesto, a menina fica desestabilizada porque perde todas as suas referências: já não pode confiar no pai, teme falar com a mãe, da qual passa a ser a rival, enfim, não tem a quem recorrer. Sua solidão é terrível” (Figueiredo, 2020, p. 255). Por sua vez, Maria Berenice Dias analisa que “O sentimento da vítima se torna bastante ambivalente: sente-se culpada, pois, de um modo geral, a mãe a responsabiliza pelo esfacelamento da família, ou é acusada de ter provocado o abuso. Essa é a forma que a genitora encontra de livrar-se da culpa por não ter entendido o que estava acontecendo. É mais fácil culpar a filha” (Dias, 2006, p. 12). Menores de idade e vítimas de relações

³⁶ Manman-Silence

³⁷ Oh mamman pourquoi n’as-tu rien dit maman?

³⁸ Peut-être qu’il avait juste essayé, une fois, avant-hier. Juste essayé. Et Angela l’avait dénoncé tout de suite. Il avait pas eu le temps d’accomplir son forfait... Seigneur, fais qu’il n’ait pas eu le temps! Rosette avait rien vu, rien entendu.

sexuais incestuosas perpetradas pelo pai, as personagens Ângela, Malaïka e Paula Regina se veem às voltas com a gravidez indesejada, com o aborto e com um fim trágico marcado por abandonos, pela desintegração da família, pela prisão do genitor e por mortes. Em efeito cascata, a pedofilia paterna desordena os vínculos entre pai e filha e entre mãe e filha, catapultando as meninas agredidas para a solidão, a loucura e a vingança.

Referências Bibliográficas

ANGELOU, Maya. **Carta a minha filha**. Trad. de Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Agir, 2019.

ANGLADE, Chantal. Les femmes des Antilles chuchotent beaucoup dans les cuisines. **Remue. Net**, 2003. Disponível em: <http://remue.net/Entretien-accorde-en-septembre-2003> Acesso em: 3 nov 2023.

BÉRARD, Stéphanie. Comme deux frères: huis clos nocturne pour d'obscurs désirs In: CARRUGGI, Noëlle (org.). **Maryse Condé – rébellion et transgression**. Paris: Karthala, 2010, p. 163-179.

BÍBLIA sagrada. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2010.

BRASIL PARALELO. Brasil ocupa o 2º lugar no ranking de exploração sexual de crianças e adolescentes. Perigo denunciado em Som da Liberdade não está distante. **Brasil Paralelo**. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/brasil-ocupa-o-2o-lugar-no-ranking-de-exploracao-sexual-de-criancas-e-adolescentes> Acesso em: 4 nov 2023.

CAGE-FLORENTINY, Nicole. **C'est vole que je vole**. Paimpont: Les oiseaux de papier, 2006.

CAMELO, Thiago. **Dia um**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CONDÉ, Maryse. **Corações migrantes**. Trad. de Julio Bandeira. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

CONDON, Stéphanie et al. Violences contre mineurs en Guadeloupe. **Rapport VIRAGE**, 2022a. Disponível em: https://viragedom.site.ined.fr/fichier/s_rubrique/28947/virage.oultre.mer.violences.sur.personnes.mineures.guadeloupe.2022.fr.pdf Acesso em: 18 out. 2023.

CONDON, Stéphanie et al. Violences contre mineurs en Martinique. **Rapport VIRAGE**, 2022b. Disponível em: https://viragedom.site.ined.fr/fichier/s_rubrique/28947/virage.oultre.mer.violences.sur.personnes.mineures.martinique.2022.fr.pdf Acesso em: 18 out. 2023.

COUTI, Jacqueline. Le Bourreau et la victime – politiques du corps e5t des rapports sociaux des sexes dans l'oeuvre de Gisèle Pineau In JURNEY, Florence Ramond (org.). **Nouvelles Études Francophones** – Dossier spécial Gisèle Pineau. Vol 27, no. 2. Nebraska: University of Nebraska press, 2012.

DECLARAÇÃO universal do direito das crianças. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao_universal_direitos_crianca.pdf Acesso em: 13 out 2023.

DIAS, Maria Berenice. Incesto: um pacto de silêncio. **Revista CEJ**, Brasília, n. 34, p. 11-14, jul./set. 2006. Disponível em: https://bdjur.stj.jus.br/jspui/bitstream/2011/115070/incesto_pacto_silencio_dias.pdf Acesso em: 6 dez 2023.

DIAS, Camilla. Prefácio In KRIEMLER, Cinthia. **Tudo que morde pede socorro**. São Paulo: Patuá, 2019, p. 5-6.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Por uma crítica feminista** – leituras transversais de escritoras brasileiras. Porto Alegre: Zouk, 2020.

GLISSANT, Édouard. **Le discours antillais**. Paris : Gallimard, 1997.

GOVERNO BRASILEIRO. Estatuto da criança e do adolescente. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm Acesso em: 11 dez 2023.

GOVERNO BRASILEIRO. Câmara aprova PL sobre crimes contra crianças e adolescentes. Agência Câmara. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/congresso/camara-aprova-pl-sobre-crimes-contra-criancas-e-adolescentes/> Acesso em: 11 nov 2023.

GOVERNO FRANCÊS. Les violences faites aux enfants. Disponível em https://sante.gouv.fr/IMG/pdf/infographie-plan_de_lutte_contre_les_violences.pdf Acesso em: 5 nov. 2023.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor** – novas perspectivas. Trad. de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.

IENCARELLI, Ana Maria Brayner. O perfil psicológico do abusador sexual de crianças. Disponível em: <https://www.profala.com/artpsico27.htm> Acesso em: 30 nov. 2023.

KRIEMLER, Cinthia. **Tudo que morde pede socorro**. São Paulo: Patuá, 2019.

MAGRI, Ieda. **Crime bárbaro**. Belo Horizonte: Autêntica Contemporânea, 2022.

MAUNIER, Priscilla. Au carrefour des ruptures: Une analyse de certains romans de Gisele Pineau, de Tony Delsham et d'Axel Gauvin. Tese. Swansea University, 2008. Disponível em: <http://cronfa.swan.ac.uk/Record/cronfa42523> Acesso em: 17 out 2023.

NASCIMENTO, Raul Victor Rodrigues do; GUIMARÃES, Ryanny Bezerra. A violação dos violadores: um estudo acerca das causas e consequências do estupro carcerário de estupradores no Brasil. **Revista Transgressões**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 200–223, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/transgressoes/article/view/6630> . Acesso em: 11 fev. 2024.

PINEAU, Gisèle. **Cent vies et des poussières**. Coleção Folio. Paris: Mercure de France, 2012.

PINEAU, Gisèle. **Morne Câpresse**. Coleção Folio. Paris: Mercure de France, 2008.

PINEAU, Gisèle. **L'Espérance-Macadam**. Paris: HC Éditions, 2006.

PINEAU, Gisèle. **Fleur de barbarie**. Coleção Folio. Paris: Mercure de France, 2005.

PINEAU, Gisèle. **Chair Piment**. Paris: Mercure de France, 2002.

PRUDENT, Steeve. Il y a 90 ans, le Cyclone de 1928. *Franceinfo*, 2018. Disponível em: <https://la1ere.francetvinfo.fr/guadeloupe/basse-terre/guadeloupe/il-y-90-ans-cyclone-1928-626684.html> Acesso em: 23 nov 2023.

ROCHA, Vanessa. 'Eu tinha pena de mim, de mainha, de vó': violência doméstica contra mulheres em Gisèle Pineau e Jarid Arraes. In: Luciana Persice Nogueira-Pret. (Org.). **Literaturas Francófonas VII: debates interdisciplinares e comparatistas**. 1ed. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2023, v. , p. 519-545. Disponível em: <https://www.dialogarts.uerj.br/literaturas-francofonas-vii-debates-interdisciplinares-e-comparatistas/> Acesso em: 23 nov 2023.

ROCHA, Vanessa. Marido, padrasto e abusador: violência sexual contra meninas em Simone Schwarz-Bart e Gisèle Pineau. In: Luciana Persice Nogueira-Pret. (Org.). **Literaturas Francófonas VIII**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2024 (no prelo).

SAVIANA, Alexandra. L'inceste en France, un interdit civil mais pas penal. **Marianne**. 2021. Disponível em: <https://www.marianne.net/societe/police-et-justice/linceste-en-france-un-interdit-civil-mais-pas-penal> Acesso em: 12 dez 2023.

SCHWARZ-BART, Simone. **Chuva e vento sobre Télumée Milagre**. trad. de Monica Stahel. São Paulo: Carambaia, 2023.

SPEAR, Thomas. C. Gisèle Pineau, 5 Questions pour Île en île. **Île en île**. Disponível em: <https://ile-en-ile.org/gisele-pineau-5-questions-pour-ile-en-ile/> Acesso em: 15 out 2023.

TENÓRIO, Jeferson. **Estela sem Deus**. Porto Alegre: ZOUK, 2018.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Trad. de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020t5td.

VERGÈS, Françoise. **Uma teoria feminista da violência**. Trad. de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

VÉTÉ-CONGOLO, Hanétha. Nicole Cage-Florentiny, Une femme en quête d'absolu (entretien). **Île en île**. Disponível em: <https://ile-en-ile.org/nicole-cage-florentiny-une-femme-en-quete-dabsolu/> Acesso em: 24 out 2023.

Submetido em 25/02/2024

Acceto em 10/04/2024